

Dr. David deSilva , Mundo Cultural do Novo Testamento, Sessão 1, Introdução: Honra e Vergonha

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David deSilva em seu ensinamento sobre o Mundo Cultural do Novo Testamento. Esta é a sessão 1, Introdução: Honra e Vergonha.

Olá, meu nome é David da Silva . Sou professor de Novo Testamento e Grego no Ashland Theological Seminary em Ashland, Ohio, onde leciono desde 1995. Fui ordenado Ancião Metodista Unido na Conferência da Florida e considero o meu trabalho académico em grande parte como algo empreendido ao serviço de a Igreja. Fiquei interessado no ambiente cultural do Novo Testamento há muito tempo, enquanto pesquisava para minha tese de doutorado, o que realmente pareceu fazer uma grande diferença em termos de leitura de um texto específico do Novo Testamento.

No meu caso, foi a carta aos Hebreus. É importante pensarmos cuidadosa e criticamente sobre a cultura como um contexto ou ambiente importante ao lermos textos de qualquer tipo. É particularmente importante para nós lermos as Escrituras porque os valores culturais e as práticas sociais aos quais somos apresentados e que se tornam parte integrante da nossa maneira de pensar em virtude de termos sido criados no século 21, especialmente na América do Norte e na Europa Ocidental, são muito diferentes dos valores e pressupostos culturais e das formas de fazer as coisas vividas pelas pessoas que viviam no Mediterrâneo oriental no século I d.C. Por exemplo, raramente pensamos em honra e vergonha.

Pelo menos, raramente penso nessas coisas acontecendo na Flórida do século 21 como penso. Penso muito mais, ou vejo pessoas pensando muito mais em termos de direitos individuais, de legalidade, questões sobre o que é acionável ou não, em oposição a questões sobre o que incorpora os valores do grupo e se esses valores vão ou não ser refletido em nossa prática ou não. Portanto, qual será a resposta dos nossos pares? Será para nos valorizar ou para nos honrar, ou resultará numa perda de prestígio ou de valor? A nossa forma de fazer negócios, de obter acesso aos bens, é principalmente comercial e não relacional.

Quando preciso de quase alguma coisa, consigo oferecendo algo e trocando ali mesmo por outra coisa, geralmente dinheiro ou crédito pelos bens em questão. Não se trata de uma abordagem relacional de acesso a bens ou oportunidades, ao passo que o Mediterrâneo do século I era em grande parte a última opção. Penso na família de forma muito diferente da forma como um residente da Ásia Menor, da Judéia ou do Egito, no primeiro século, pensaria sobre a família.

Nossas noções de família nos Estados Unidos são bastante limitadas em comparação. Temos as nossas famílias nucleares e, se falarmos de uma família alargada, esta ainda é bastante truncada em comparação com a forma como os povos antigos concebiam as famílias. E, claro, valores como pureza e poluição têm ressonâncias muito diferentes para nós, no mundo ocidental do século XXI, do que tiveram para Jesus, movendo-se pela Galileia ou pela Judeia do primeiro século.

Para nós, a poluição é em grande parte uma questão ambiental, ou se pensarmos em termos de contaminação ou limpeza, é muitas vezes transferida para uma espécie de domínio da higiene ou dos micróbios, em oposição ao domínio da religião e relacionado com Deus e a capacidade de alguém vir diante da presença de Deus. Os valores culturais e as práticas sociais mudaram imensamente à medida que atravessávamos 20 séculos e atravessávamos os continentes, mas os valores culturais e as práticas sociais têm a sua própria lógica. Eles têm os seus próprios pressupostos, e precisamos de ter muito cuidado na interpretação de textos antigos, para não impormos a nossa lógica cultural ou os nossos pressupostos culturais a esses textos.

Esses textos são escritos a partir de uma cultura muito, para nós, estrangeira, com uma lógica cultural estrangeira e pressupostos sociais estrangeiros. Se não adquirirmos consciência e conhecimento dessa diferença, inevitavelmente interpretaremos mal esses textos. Considero que isto é um grande perigo quando esses textos têm a autoridade das Escrituras Sagradas, porque o risco que corremos é ler os pressupostos da nossa cultura no texto e ouvi-los de volta do texto, agora investido de autoridade divina, enquanto em muitos casos esses textos desafiaria os nossos pressupostos culturais e chamar-nos-ia, de certa forma, a começar a viver de forma bastante contracultural a esse respeito.

Um exemplo que creio ser de grande importância para a teologia cristã e o discipulado é simplesmente o conceito do dom gratuito da graça. Nossa localização cultural tende a fazer com que interpretemos esta frase como significando que não há obrigação por parte do destinatário de tal favor. Ouvimos o dom gratuito da graça e interpretamos isso como significando que deve ser gratuito porque não nos custa nada.

Paulo nunca teria pensado nesses termos ao escrever sobre o dom gratuito da graça de Deus, mas assumimos que este é o seu significado e, portanto, sofremos uma grande divisão entre a compreensão do dom da graça de Deus e o nosso discipulado, a nossa resposta a Deus. . Tendemos a não ouvir Paulo quando ele diz que Jesus morreu pelo bem de todos, para que aqueles que estão vivos não vivam para si mesmos, mas para aquele que morreu por eles e ressuscitou. Para Paulo, o dom gratuito da graça fala do fato de que a doação foi gratuita.

A doação não poderia ser coagida por nenhum ato nosso. Como ele escreve em Romanos 11, quem já deu a Deus para que Deus os retribuísse? Dar é gratuito e não coagido, mas receber cria um relacionamento de obrigação para com Deus. O facto de nos sentirmos desconfortáveis ao falar sobre isto mostra quão distantes estamos dos próprios valores culturais e práticas sociais de Paulo e quanto trabalho precisamos de fazer se realmente quisermos ouvi-lo.

Por isso, considero muito importante para nós, como estrangeiros que lemos o Novo Testamento, mergulhar nos valores culturais e na matriz social do Mediterrâneo do primeiro século, para que possamos captar o que motivará aqueles antigos ouvintes num texto. e porquê, e para que possamos compreender melhor as ligações argumentativas que o autor assume que os seus ouvintes fornecerão em vez de assumir e fornecer as nossas próprias, que tendem, como no exemplo que acabamos de mostrar, a que podem ser bastante estranhas à lógica de que o autor antigo está assumindo. Atender à matriz cultural do Novo Testamento também nos ajuda a discernir mais claramente os desafios enfrentados por aqueles antigos ouvintes em seus contextos, bem como os desafios que os autores do Novo Testamento estão colocando aos seus públicos, a fim de moldá-los em um novo e distinto tipo de comunidade. Finalmente, a atenção a estes valores e práticas culturais ajuda-nos a pensar mais claramente sobre como aplicar os desafios dos autores do Novo Testamento a nós próprios e às nossas igrejas numa nova cultura.

Nesta palestra de abertura, quero focar nos valores culturais de honra e vergonha no mundo antigo, particularmente no ambiente mediterrâneo dos escritos do Novo Testamento do primeiro século. A honra é um valor fundamental entre os residentes do mundo mediterrâneo. É difícil e talvez, em alguns aspectos, imprudente fazer generalizações amplas, mas esta generalização específica que os povos mediterrânicos no primeiro século tendiam a valorizar e a pensar sobre a honra parece bastante justificada com base na evidência generalizada que aponta nessa direcção, pelo menos da Itália, ao longo do Mediterrâneo oriental até o Norte da África.

Por exemplo, lemos um tratado chamado Sobre os Benefícios, de Sêneca, um filósofo e estadista romano do século I, um autor de elite que por acaso foi o tutor de Nero quando este atingiu a maioridade. Não julgue Sêneca por isso, por favor. Mas Sêneca escreve que a única convicção firme a partir da qual passamos para a prova de outros pontos é esta: aquilo que é honroso é tido como querido por nenhuma outra razão a não ser porque é honroso.

Sêneca aqui fala do primeiro século para falar conosco em um nível meta sobre os valores de seu mundo, e ele identifica o valor fundamental como sendo o valor da honra. Se algo é honroso, é automaticamente desejável. Por outro lado, poderíamos inferir que se algo é desonroso ou levará à desgraça, é inerente e fundamentalmente indesejável para as pessoas que Sêneca conhece.

O que ele também nos diz é que considerações de honra, como ganhá-la, como preservá-la e o que pode nos levar a perdê-la, considerações de honra são fundamentais para a tomada de decisões. Quando ele escreve que ele e os seus pares passam da consideração do que é honroso para a prova de outros pontos, ele está a dizer-nos que o raciocínio fundamental para as pessoas, como ele observou, é se algo é ou não honroso ou vergonhoso. Outros valores são frequentemente considerados considerações importantes juntamente com o que é honroso, mas estes tenderão a não superar o honroso se o conflito for explicitado.

Por exemplo, temos um grande conjunto de textos do mundo antigo que falam sobre como persuadir as pessoas, como fazer com que as pessoas façam o que você quer que elas façam, ou como tomar a decisão que você quer que elas tomem. Estes são os manuais antigos ou clássicos sobre retórica e discurso persuasivo. Nestes manuais, lemos sobre uma série de motivos que movem as pessoas ao lado dos honrados, que são sempre mencionados.

Ao lado do honroso, você poderá encontrar aquilo que traz segurança, aquilo que traz segurança. Por exemplo, a Retórica anúncio Herenium, um livro latino sobre persuasão de cerca de 50 a.C., diz que os dois motivos que impulsionam a tomada de decisões são a honra e a segurança. Mas o mesmo autor diz que se houver conflito entre estes dois valores, a honra vencerá sempre.

Você nunca pode admitir que o caminho que leva à segurança é desonroso e esperar persuadir o seu público. Ou se recuarmos ainda mais até Aristóteles nos seus livros sobre ética, Aristóteles identifica, mais uma vez, a honra como uma preocupação motivadora, mas também um prazer e uma vantagem. Mas ele também dirá que, onde houver conflito, a honra será a consideração principal.

Se você quiser conquistar um público, nunca o conquistará abertamente para o caminho desonroso. Tudo isto para dizer que temos muitas evidências que apontam a honra e a vergonha como valores fundamentais e fundamentais. E embora existam juntamente com outros valores e considerações importantes, alguns autores antigos identificam-nos como os impulsionadores finais da tomada de decisões.

Um exercício útil pode ser algum tempo para examinar o livro de Provérbios ou o apócrifo Sabedoria de Ben Sirah, um tanto posterior. Observe quantas vezes os autores desses livros elogiam um comportamento ou uma prática simplesmente dizendo que é honroso ou que também é bom, pois muitas vezes é traduzido. Mas a palavra que é traduzida é muitas vezes, pelo menos em Ben Sirah, kalon, nobre.

É nobre fazer isso. E quantas vezes uma ação é desaconselhada simplesmente por ser chamada de vergonhosa. É vergonhoso fazer X. E muitas vezes isso é considerado por

um destes autores como argumento suficiente para dissuadir o aluno de fazer X. Ora, a honra é um valor social.

Ou seja, a honra é atribuída por um grupo de outras pessoas. Posso ter respeito próprio, mas não tenho honra até que outras pessoas digam que sim e reflitam sua avaliação positiva sobre meu valor como membro de seu grupo. Cada grupo para quem a honra e a vergonha são valores importantes, cada grupo decide o que constitui um comportamento honroso e o que torna uma pessoa honrada.

E muitas vezes são essas coisas que, se uma pessoa as faz, contribuem para o bem-estar e a sobrevivência, a manutenção do grupo. E assim, numa cultura de honra, os outros na minha sociedade têm um grande controlo social sobre mim porque procuro a sua afirmação. Busco a reflexão deles de que o que estou fazendo, o que estou praticando e as atitudes e ações que exibio são valiosas aos seus olhos.

Portanto, é muito provável que eu faça o que o grupo precisa que eu faça para que o grupo floresça e sobreviva. E provavelmente terei respeito próprio ou auto-estima com base na minha própria avaliação do cumprimento desses valores. Mas a honra, novamente, exige que os outros tenham a mesma estima.

Há também o potencial para uma grande dissonância cognitiva, onde uma pessoa pode acreditar no cumprimento desses valores, mas ser negada a afirmação dos mesmos por parte de outras pessoas importantes. Neste contexto, a vergonha tem essencialmente dois significados diferentes. Podemos falar de vergonha em termos de desonra, desgraça e experiência da desaprovação do grupo.

O grupo está enviando a mensagem de que o que você está fazendo não tem valor. Não é bom para a manutenção da identidade deste grupo e para a sua sobrevivência. Num sentido completamente diferente, a vergonha tem uma nuance mais positiva do que a modéstia ou a preocupação com a aprovação do grupo.

Assim, as pessoas numa cultura de honra muitas vezes têm um sentimento agudo de vergonha, o que as leva a tentar evitar a vergonha no sentido negativo, muitas vezes a todo custo. No Mediterrâneo do primeiro século, podemos falar de honra obtida ou desfrutada com base em dois tipos de qualidade ou atividade. Um deles seriam componentes do que poderíamos chamar de honra atribuída, também chamada de honra atribuída.

São mais ou menos acidentes de nascimento. Nasci numa determinada família, e essa família tem um certo estatuto e uma certa honra colectiva. Sou herdeiro desse status, dessa honra coletiva, em virtude de ter nascido nessa família.

Às vezes, um grupo étnico tem certa honra ou falta dela. E diferentes grupos étnicos, conforme vemos na literatura antiga, diferentes grupos étnicos estão frequentemente

competindo pelas suas relativas reivindicações de honra. Mas também existem maneiras pelas quais posso aumentar minha honra.

Poderíamos falar, portanto, de honra alcançada. Isto estaria nas ações que realizo e no que faço, na medida em que essas ações refletem os valores ou as virtudes do grupo ao qual pertencço. A honra e a falta de honra, a vergonha, também podem ser demonstradas de várias maneiras.

Ao lermos textos antigos, devemos estar atentos ao que acontece com os corpos físicos, como eles são colocados em relação uns com os outros e como são tratados. Assim, por exemplo, a disposição dos assentos muitas vezes reflete decisões sobre honra relativa. Conseqüentemente, convites para sentar-se à minha direita são tipicamente convites para sentar-se em um lugar de honra e, portanto, gozar de precedência sobre outras pessoas naquela reunião.

A forma como uma cabeça é tratada, bem como a forma como uma cabeça física é tratada, reflete decisões de honra por parte de um grupo. Se essa cabeça for ungida, essa pessoa está sendo investida com a honra de um cargo específico, talvez o de sacerdote ou rei. Se uma cabeça for coroada ou coroada, essa pessoa está sendo homenageada visível e publicamente.

Por exemplo, o vencedor de uma competição atlética receberá uma coroa de flores. A ação de colocar uma coroa de flores em volta da cabeça é uma demonstração simbólica de honra conferida e promulgada. Ou se essa cabeça leva um tapa, por exemplo, no julgamento e na zombaria de Jesus, é uma atribuição de desonra, de vergonha, um desafio à honra, parte de um ritual de degradação de status, despojando qualquer senso de honra que aquela pessoa poderia ter.

Devemos também estar atentos à menção do nome ou da reputação nestes textos. A reputação é meio óbvia; isso é fama, isto é, a honra que alguém desfruta além da presença física. Mas o próprio nome se torna uma espécie de metonímia, uma espécie de símbolo ou figura de honra de uma pessoa.

Um nome é caluniado? Um nome é bem falado? Isso é uma espécie de código para as maneiras pelas quais a honra de uma pessoa é representada verbalmente no mundo. Quando oramos, santificado seja o teu nome, estamos, pelo menos em parte, orando para que a honra de Deus seja cada vez mais reconhecida na terra, da mesma forma que a honra de Deus é reconhecida nos reinos celestiais. Provavelmente cabe uma palavra sobre honra e gênero.

No mundo do primeiro século, e isto realmente persiste em muitas culturas mediterrânicas até hoje, e nas culturas semíticas e nas culturas do Médio Oriente até hoje, a honra de uma mulher é pensada de forma bastante diferente da honra de um homem. Os homens tendem a estar em público, muitas vezes competindo para

homenagear uns aos outros. Mas em muitos textos antigos lemos que a esfera da mulher para possuir honra é, na verdade, dentro de casa.

São os espaços privados da casa, ou se for fora de casa, é nos espaços públicos frequentados por mulheres ou acompanhados por um homem, um marido, um pai ou um irmão, algum representante da família dentro da qual a honra da mulher está incorporado. Obviamente, estamos aqui a olhar para sociedades patriarcais, sociedades fortemente tendenciosas em termos de género no mundo antigo, nas quais a mulher não é considerada uma entidade independente, mas sempre como uma extensão da família de algum homem e, portanto, da honra desse homem. E por isso lemos muito sobre a modéstia como o cerne da honra feminina neste mundo, mantendo-se longe do toque, do olhar, da conversa de outros homens.

Qualquer tentativa sexual contra uma mulher fora do casamento, consensual ou não, é, entre outras coisas, uma ameaça à honra do homem em quem ela está conceitualmente inserida, seja seu marido ou seu pai. As mulheres podem ser, na literatura antiga, exaltadas como exemplos de virtudes às quais os homens normalmente estão associados. Por exemplo, coragem.

Coragem, poderíamos chamar de virtude viril porque, em grego, a palavra, na verdade, é *Andra*. Poderia ser traduzido como masculinidade de forma bastante apropriada. Muitas mulheres são exaltadas na literatura antiga como corajosas, por exemplo, a heroína Judite no livro apócrifo com esse nome ou a mãe dos sete mártires no Quarto Macabeus, outro texto apócrifo.

Plutarco, um autor grego de cerca de 100 a 120 dC, escreveu um tratado inteiro chamado *Sobre a masculinidade*, sobre a bravura das mulheres, exaltando figuras femininas históricas por sua coragem. Mas em todos estes casos, mesmo ao lado de considerar as mulheres mais masculinas do que os homens, em alguns casos, também é dada atenção à honra feminina nos sentidos mais tradicionais de modéstia, castidade, afastamento do espaço público e da vista pública e do toque, tanto possível. Agora, se uma pessoa for educada a valorizar a honra e a temer a vergonha como talvez o bem e o mal mais fundamental que ela possa experimentar, então o grupo do qual a pessoa faz parte pode exercer muito eficazmente o controlo social sobre esse indivíduo, sobre todos esses indivíduos.

Se eu for criado buscando a aprovação dos meus colegas, esses colegas terão um grande poder para impor a minha conformidade. Esta é uma característica essencial da ética no mundo antigo. Devido à busca pela honra, os grupos são capazes de manter as pessoas em conformidade com os valores que o grupo precisa que as pessoas incorporem para o bem do grupo.

Incorporarei as práticas e valores que o grupo do qual faço parte valoriza e deseja que eu incorpore. Portanto, estou disposto, durante toda a minha vida, a servir os

melhores interesses do grupo, mesmo que os meus, do início ao fim. Esta é outra grande diferença entre a cultura ocidental do século XXI e a cultura mediterrânica do século I.

Mesmo enquanto estou aqui, estou ciente de que o interesse próprio é um fator impulsionador realmente forte. Mesmo em minha própria vida, apesar do trabalho do espírito. Mas o interesse próprio, na medida em que o promovemos, honramos e vivemos de acordo com ele no século XXI, é um produto do individualismo ocidental.

Difícilmente é uma possibilidade no mundo mediterrâneo do século I. Seria a anomalia naquele mundo. Seria a pessoa sem vergonha, a pessoa com quem a sociedade simplesmente não sabia o que fazer, que era capaz de perseguir o interesse próprio em detrimento do interesse do grupo.

Alguns exemplos de como isso funciona. No mundo antigo, como também hoje, a coragem é uma virtude essencial, a bravura, a fortaleza e a disposição de suportar danos físicos para o bem do grupo. Eu mesmo nunca servi no exército.

Quem já sabe do que estou falando. Mas no mundo antigo, muito mais pessoas poderiam ser chamadas para servir nas forças armadas do que é o caso hoje no Ocidente. E se voltarmos, digamos, ao século IV a.C., qualquer homem na Grécia poderia ser chamado para servir nas forças armadas.

E a sobrevivência da sua cidade-estado dependia da sua disposição de ir lá e levar uma lança na coxa, ou pior, da sua cidade-estado. Conseqüentemente, as cidades-estado homenagearam os corajosos. E eu, como ateniense do século IV a.C., fui criado desde o nascimento para considerar a coragem uma grande virtude a ser incorporada, mais valiosa do que a segurança, o conforto e a própria vida.

E assim, ao ouvir soldados, especialmente os soldados caídos, elogiados, ao ouvir orações fúnebres pronunciadas sobre sua fama imortal, sou socializado e estou disposto a ir e fazer o mesmo. E assim, a cidade-estado sobrevive. E assim, a província rebelde, por exemplo, a Judeia entre 66 e 70 d.C., é capaz de realizar parte do que é capaz de montar contra Roma, em última análise, terrivelmente sem sucesso.

Mas por causa deste compromisso de colocar o bem do grupo, não importa o custo para si mesmo, em primeiro lugar, a coragem. A generosidade seria outro valor exemplar. Neste mundo, se fosse haver uma melhoria cívica na sua cidade, na sua aldeia, isso iria acontecer, iria, desculpe, iria acontecer porque alguma pessoa rica iria fazer isso acontecer.

Isso não iria acontecer porque os impostos arrecadados tinham uma porcentagem destinada à melhoria de estradas, à construção de templos ou à construção de um

novo e agradável banho público no centro de Séforis para todos vocês. Era porque alguém estaria inclinado a ser tão generoso. O que faria alguém gastar tanto dinheiro para fazer uma melhoria cívica? A esperança de honra e o facto de as culturas em todo o Mediterrâneo recompensarem a pessoa generosa com o que a pessoa generosa mais deseja, com o que todas as pessoas, excepto os desavergonhados, mais desejam.

Honra, afirmação, fama, reputação de ser um ser humano virtuoso e valorizado, em muitos casos, acima de outros seres humanos. E assim, Erasto, que pode até ser o Erasto que conhecemos da igreja de Corinto, coloca uma calçada em frente ao teatro de Corinto às suas próprias custas quando lhe é concedido o cargo cívico de ser Edel, porque quer comemorar o evento com um ato generoso que literalmente gravará sua fama em pedra por mais de 2.000 anos. Você ainda pode vê-lo lá hoje.

E assim, este desejo de honra torna-se um meio muito eficaz de controlo social e uma forma de nos levar, como indivíduos, a esforçar-nos pelo bem do todo. Agora, tudo o que realmente disse até agora pressupõe que há um grupo com quem estou lidando e aos olhos de cujos olhos quero honra. Este quase nunca é o caso em qualquer local do mundo mediterrâneo do primeiro século.

Existem complicações porque existem grupos sobrepostos, cada um dos quais pode ter valores ligeiramente ou muito diferentes e definições diferentes do que é honroso. Por exemplo, como é relevante para os estudantes das Escrituras, gostaria de considerar o caso de um judeu numa cidade grega, seja Alexandria ou Cesareia à beira-mar. O que é honroso para o judeu muitas vezes faz com que ele perca a honra aos olhos dos não-judeus.

Por exemplo, para ser um judeu honrado, evita-se a todo custo a idolatria. Simplesmente não se chega perto de um templo. Evita-se toda ligação com a poluição dos alimentos sacrificados aos ídolos, as carnes provenientes dos animais sacrificados nos templos.

Isso é simplesmente uma abominação, é detestável, isso não faz parte da minha vida. O que torna um judeu honrado é ser circuncidado e circuncidar seus filhos homens, seus escravos homens e tudo o mais. Observar o sábado, aquele lembrete essencial todas as semanas de nos alinharmos aos ritmos de Deus, o único Deus que criou tudo em seis dias e descansou no sétimo.

E observar os regulamentos dietéticos estabelecidos na Torá, segundo os quais ao comer carne de vaca, mas não de porco, ao comer atum, mas não de enguia, imitamos os próprios movimentos de Deus, as ações do próprio Deus de escolher o povo judeu, mas não o povo gentio. Todas essas coisas tornam alguém honrado aos olhos de seus companheiros judeus devotos e observadores da Torá. Mas como os

gregos da cidade encarariam essas atividades? Como um judeu piedoso, evitar todos os deuses além do meu simplesmente pareceria um ateísmo arrogante.

Minha negação da existência do Deus de todos os outros soaria como o pior tipo de impiedade. E, ironicamente, para nós, modernos, os judeus são frequentemente chamados de ateus no mundo antigo. Não porque não tenham deuses, eles têm um, mas apenas afirmam a existência daquele e de nenhum outro.

Então, eles eram essencialmente ateus. Eles cortaram o quê de seus filhos? A circuncisão é considerada uma mutilação bárbara do corpo, e não uma inscrição louvável de uma aliança divina em cada corpo masculino. Tirar um dia de cada semana para não fazer absolutamente nada dá aos judeus a reputação de serem preguiçosos.

E as regulamentações dietéticas são talvez o que mais deixa os gentios coçando a cabeça. Como a carne de porco é a outra carne branca, ela é deliciosa. A natureza forneceu isso como parte de sua generosidade.

Evitá-lo como algo impuro é uma injustiça para com os deuses ou para com a natureza que o forneceu juntamente com tantas outras coisas maravilhosas, saborosas e nutritivas. Portanto, posso ter a honra de um judeu piedoso aos olhos de outros judeus piedosos observadores da Torá, mas essas mesmas atividades me levarão à desgraça aos olhos de muitos, provavelmente a maioria, da população não-judia da cidade. Para ser justo, há sempre alguns gentios, especialmente entre a classe filosófica, que olham para o Judaísmo como uma espécie de disciplina rigorosa que tem as suas próprias virtudes.

Mas eles são os acadêmicos do mundo antigo e ninguém os escuta. Em geral, ser judeu significa ser desprezado aos olhos de muitos gregos e romanos. Se eu quiser honra, o que vou fazer? Se faço parte de um grupo minoritário judeu numa cidade majoritariamente grega, o que vou fazer? Muitos, bem, eu não deveria dizer isso porque nunca quantifiquei isso, mas sabemos de judeus específicos cujo desejo de honra os levou a se afastar de sua formação, de seu modo de vida de origem, a apostatar até certo ponto, e, em alguns casos, até certo ponto, para que pudessem gozar de honra à vista da cultura dominante mais ampla.

Se um grupo minoritário, como o povo judeu, existisse no mundo antigo, se um grupo minoritário pretende reter os seus membros, os seus membros sensíveis à honra, precisa de desenvolver certas estratégias que os manterão concentrados na honra do grupo como o valor valioso. bom, manter seus membros focados em obter honra de acordo com as práticas e compromissos que manterão a cultura e a identidade do grupo, em vez de serem atraídos para a cultura de algum grupo concorrente por causa do potencial de honra ou desgraça aos olhos de esse grupo concorrente. Então, eu gostaria de dedicar algum tempo agora, na última parte desta

palestra, para analisar essas estratégias, porque são estratégias que consideraremos operacionais em todo o Novo Testamento, porque o cristianismo primitivo era o grupo minoritário por excelência no mundo antigo. Se você acha que foi difícil ser judeu em Éfeso, talvez uma comunidade de cem mil pessoas, tente ser cristão em Éfeso, talvez uma comunidade de 50 pessoas.

Então, nós realmente tivemos que fazer isso, na época de Paulo, você sabe, muito pequeno, estamos falando apenas de dezenas de pessoas, nem mesmo centenas de pessoas. Assim, vemos que os autores do Novo Testamento estão particularmente atentos a esta questão de como concentrar os seus convertidos naquilo que o grupo, o grupo cristão, define como honroso e difundir o apelo da honra do exterior e o aguilhão da desgraça do exterior. fora. Portanto, uma coisa que vemos os grupos minoritários, em particular, fazer é definir cuidadosamente o que é honroso.

Tenho aqui um exemplo da sabedoria de Ben Sirah. Ben Sirah era um judeu que ensinava numa escola em Jerusalém. Ele manteve uma casa de instrução em Jerusalém.

Ele provavelmente esteve ativo entre cerca de 200 e 175 AC. E ele escreve isto: de quem são os descendentes dignos de honra? Prole humana. Cujas descendências são dignas de honra? Aqueles que temem ao Senhor.

Cujas descendências são indignas de honra? Prole humana. Cujas descendências são indignas de honra? Aqueles que quebram os mandamentos. Entre os membros da família, seu líder é digno de honra, mas aqueles que temem ao Senhor são dignos de honra aos seus olhos.

Os ricos, os eminentes e os pobres. A glória deles é o temor do Senhor. Não é certo desprezar alguém que é inteligente, mas pobre.

E não é apropriado honrar alguém que é pecador. O príncipe, o governante e o juiz são honrados, mas nenhum deles é maior do que aquele que teme ao Senhor. Neste texto, Ben Sirah faz uma série de coisas.

Primeiro, ele identifica a definição básica do que torna uma pessoa honrada. A questão de saber se essa pessoa observa ou não a Torá, a lei de Moisés. É isso que diferencia uma pessoa de uma pessoa, uma pessoa honrada de uma pessoa desonrosa.

E ele também diz que esta é, em última análise, a reivindicação de uma pessoa à honra acima de quaisquer considerações mundanas. Os ricos, os poderosos, os abastados e os bem colocados eram homenageados naquela época como tendem a ser agora. Mas Ben Sirah diz que nenhuma dessas características externas está no cerne do que torna uma pessoa honrada.

Os ricos, os eminentes e os pobres. Sua glória, e também sua reivindicação de honra, é seu temor ao Senhor. Em última análise, a honra é dada erroneamente com base em qualquer outra coisa se a pessoa também for transgressora dos mandamentos.

Assim, em textos como este, encontramos o representante de uma cultura cada vez mais minoritária, mesmo na Judéia do século II. Porque o ímpeto para se tornar como as nações, para assumir a cultura grega, e as formas gregas, e os nomes gregos, e assim juntar-se a esse mundo maior, e entrar no mapa, e ter o potencial de honra dentro desse mundo maior, estava ganhando terreno. . Mesmo aí, encontramos Ben Sirah usando esta estratégia.

Também é muito importante definir a opinião de quem é importante. Os antropólogos têm falado sobre o Tribunal de Reputação ou o Tribunal de Opinião. Quem são essas pessoas importantes cuja opinião sobre você conta? E assim, aos olhos de quem a honra e a vergonha contam? Novamente, voltando-nos para Ben Sirah, encontramos ele definindo este Tribunal de Reputação como centrado no próprio Deus.

Então, ele escreve, Ele lhes disse: Deus lhes disse: Cuidado com todo mal. E ele deu mandamentos a cada um deles a respeito do próximo. Seus caminhos são sempre conhecidos por ele.

Eles não ficarão escondidos dos seus olhos. E um pouco mais adiante no mesmo livro, a pessoa que comete adultério, o seu medo fica confinado aos olhos humanos. E ele não percebe que os olhos do Senhor são 10.000 vezes mais brilhantes que o sol.

Eles observam todos os aspectos do comportamento humano e veem cantos ocultos. Em ambos os textos, Ben Sirah lembra aos seus alunos que Deus vê tudo. E ele é o Supremo Tribunal de Opinião, diante do qual eles representam cada segundo de suas vidas.

As horas que passam em público e as horas que passam no cômodo interno mais secreto de sua casa. E, adverte Ben Sirah, o Senhor revelará seus segredos. Ele irá derrubá-lo no meio da congregação porque você não se aproximou com o devido respeito pelo Senhor e seu coração estava cheio de falta de sinceridade.

Assim, em última análise, a honra de alguém na sociedade está nas mãos de Deus para ser preservada ou derrubada, dependendo se alguém buscou ou não o que é honroso aos olhos de Deus, em primeiro lugar e acima de tudo. Outro escrito do século II aC, conhecido como Baruque, foi escrito como se fosse da pena do escriba de Jeremias, Baruque, falando sobre Israel, novamente já ciente de ser uma cultura minoritária no mundo, Israel sendo abençoado porque sabe o que agrada a Deus. . Ele sabe quem é o outro significativo.

Contém informações sobre como viver honradamente perante aquela pessoa importante, de modo a desfrutar do tipo de concessão de honra que durará não apenas por esta vida, mas para sempre. Outra característica importante de falar sobre o Tribunal de Reputação é falar sobre de onde as pessoas de fora obtêm suas opiniões. Isto é, se pessoas de fora do meu grupo, membros da cultura grega dominante ou da cultura romana dominante, se pessoas de fora do meu grupo expressarem desaprovação das minhas escolhas de vida e das minhas práticas, de onde vem isso? Quão valiosa é a opinião deles? Um texto escrito provavelmente no Egito no século I aC, possivelmente no início do século I dC, é a Sabedoria de Salomão, outro livro falsamente atribuído.

Não foi escrito por Salomão, filho de Davi, mas por alguém que herdou a tradição da sabedoria judaica. E ele escreve sobre como as pessoas poderosas, ricas e ímpias olham para a pessoa piedosa. E ele descreve detalhadamente como os ímpios consideram o judeu piedoso uma espécie de reprovação viva porque os valores e práticas do judeu piedoso são muito diferentes.

E por causa do seu testemunho de Deus e da aprovação de Deus para a sua própria vida, porque ele está andando no caminho da lei de Deus. E assim, o autor escreve sobre como os ímpios testam o judeu piedoso com insultos, com reprovação, com violência e, finalmente, com uma morte vergonhosa. E olhando para esse tipo de cena, que o autor sem dúvida já ouviu falar que aconteceu na vida real, pode até ter testemunhado na vida real, escreve sobre o raciocínio dos ímpios e por que tudo o que eles fazem, toda a vergonha que infligem a eles. a pessoa piedosa não tem valor.

Então, escreve ele, foi assim que os ímpios raciocinaram, mas estavam enganados. A maldade deles os cegou completamente. Eles não sabiam do plano secreto de Deus.

Eles não esperavam a recompensa que a santidade traz. Eles não consideraram o prêmio que ganhariam se mantivessem suas almas livres de manchas. Ele continua escrevendo mais tarde naquele livro sobre a maioria do mundo gentio: todos os humanos que não conhecem a Deus são cabeça-oca por natureza.

Apesar das coisas boas que podem ser vistas, eles de alguma forma foram incapazes de conhecer quem realmente é. Embora estivessem fascinados pelo que ele havia feito, não conseguiram reconhecer o criador de todas as coisas. Assim, nestes dois textos, vemos que o autor diz que as pessoas ao seu redor que podem desprezá-lo por causa do seu compromisso com o modo de vida judaico, fazem-no porque simplesmente não têm todos os factos.

Eles não têm todos os factos sobre quem é o verdadeiro Deus, ao contrário dos falsos deuses que continuam a adorar. Eles não conhecem todos os fatos sobre a vida, o julgamento e a vida além. E portanto, sendo tão míopes, tomarão decisões

erradas sobre as suas próprias vidas e sobre o seu próprio valor como seres humanos.

E eles vão julgar você como estúpido e vergonhoso, mas na verdade, eles só fazem isso porque são estúpidos e vergonhosos. Eles não têm a revelação que recebemos. Conforme prossegue o texto Sabedoria de Salomão, eles vivem mal.

Eles vivem vergonhosamente. Não foi suficiente para eles errarem quanto ao conhecimento de Deus, mas embora vivam em grandes conflitos devido à ignorância, eles chamam de paz esse grande mal. E se fôssemos ler o parágrafo maior de onde vem esse versículo, veríamos o autor dizendo: veja como vivem os gentios.

Embriaguez, assassinatos, roubos, relações sexuais não naturais. Na verdade, um texto muito próximo do que encontramos em Romanos 1:18 a 32. Veja como eles vivem.

E agora considere, como podem pessoas que são tão desavergonhadas, em termos de virtude e vício, ter algo importante a dizer sobre a sua honra ou sobre a sua vergonha? A idolatria era na verdade uma religião idólatra, um grande obstáculo ou potencial obstáculo para os judeus que viviam em cidades gentias porque os judeus eram uma minoria. E ao olharem ao seu redor, viram um monte de outros seres humanos, muito mais do que eles mesmos, adorando esses outros deuses com o mesmo fervor, com a mesma devoção que eles próprios sentiam pelo Deus de Israel. E por isso pode ser uma tentação constante perguntar-se: será que eles também têm práticas religiosas legítimas? Devo ter a mente tão fechada a ponto de pensar que o meu é o único Deus? Meu modo de vida, o único modo de vida aprovado por Deus? E assim, autores como A Sabedoria de Salomão, querendo promover, querendo ajudar a facilitar a manutenção da identidade judaica nesta diáspora, neste tipo de terras não-judaicas, dão atenção à explicação da idolatria como um fenômeno.

Assim, escreve ele, A arte equivocada dos humanos não nos enganou, nem o trabalho infrutífero de pintores inteligentes, mesmo quando eles criaram uma imagem deslumbrante em sua combinação de cores. A visão de ídolos, porém, cria desejo nos tolos. Eles começam a desejar a imagem sem vida de uma estátua morta.

Aqueles que os fazem, aqueles que os desejam e aqueles que os adoram são todos amantes de coisas más. Todos eles merecem ter as suas esperanças mal direcionadas desta forma. E assim aquilo que os não-judeus valorizam, e o tipo de piedade que os não-judeus honram, é também algo que este autor da cultura da minoria judaica irá abordar, de modo a neutralizar o seu apelo potencial e a explicar a opinião e a prática de a cultura majoritária como, em última análise, a desviante, e não a nossa visão minoritária.

Outra coisa que descobrimos que estes líderes culturais minoritários fazem pelos membros dos seus grupos é reinterpretar experiências de desaprovação de pessoas de fora de uma forma que contribua para a honra dentro do grupo minoritário. Ou seja, eles transformam a experiência de serem envergonhados por pessoas de fora em uma medalha de honra aos olhos de Deus e do grupo. Novamente, mantendo a Sabedoria de Salomão, o autor escreve que as almas dos justos que morreram foram disciplinadas um pouco, mas serão recompensadas com coisas boas abundantes porque Deus os testou e descobriu que eles merecem estar com ele.

Ele os testou como ouro na fornalha. Ele os aceitou como uma oferta inteiramente queimada. O autor está escrevendo sobre aqueles judeus piedosos que seus vizinhos gentios, ou talvez até mesmo seus vizinhos judeus apóstatas, ridicularizaram, desprezaram, insultaram, abusaram e, eventualmente, até assassinaram.

Ele escreve sobre a experiência de ter sua honra arrancada por essas outras pessoas como, na verdade, uma experiência de ter sua honra real testada e provada por Deus para a eternidade. Assim, as experiências negativas de ser envergonhado por estranhos transformam-se na experiência de ser testado e receber honra eterna dentro do grupo. Um conjunto de imagens que os autores culturais minoritários usam com frequência são as imagens atléticas.

Há uma correlação natural entre os rigores e as dificuldades que o atleta antigo enfrenta, talvez também o atleta moderno, mas certamente o atleta antigo suportou. Os rigores do treinamento, a dor do treinamento, a dor de uma luta livre ou de boxe em um mundo sem estofamento protetor, capacetes e luvas e o que quer que seja, toda a dor que tal pessoa suportou pela esperança de honra, pela esperança de uma vitória, um paralelo entre isso e o que um membro de uma cultura minoritária pode experimentar quando abusado ou repreendido por membros fora do seu grupo. E assim, encontramos o autor do Quarto Macabeus usando imagens atléticas para transformar uma experiência de degradação total numa competição pela honra.

Este trecho que vou ler vem do discurso de uma mãe aos seus sete filhos antes de serem torturados até a morte das formas mais brutais e inventivas, talvez na literatura antiga. E ela escreve aos meus filhos: vocês foram convocados para um concurso honroso no qual darão provas que comprovarão o valor da sua nação. Competir voluntariamente pela lei dos nossos antepassados.

Seria realmente uma vergonha se vocês, jovens, perdessem a coragem diante dessa tortura, depois que um homem idoso suportou tanto sofrimento por respeito a Deus. Eu deveria ter mencionado que isso aconteceu depois que um velho sacerdote chamado Eleazar foi torturado até a morte pela primeira vez. Aqui encontramos a imagem da competição honrosa ou nobre e a ideia de que enfrentar a degradação pode, na verdade, ser visto como participar de uma competição.

E o resultado poderia ser, aos olhos dos que estão de fora, uma degradação completa, mas aos olhos dos que estão dentro e aos olhos de Deus, como diriam os que estão dentro, o fim seria uma vitória gloriosa, cuja honra e fama durariam para sempre. Como mostra o próximo trecho, a competição em que eles estavam envolvidos era verdadeiramente divina. A própria virtude, o próprio caráter moral, distribuíram prêmios naquele dia, tendo provado seu valor pela resistência.

A vitória trouxe a imortalidade através de uma vida sem fim. Eleazar, o sacerdote idoso, foi o primeiro competidor. A mãe dos sete filhos e desses irmãos também competiram.

O tirano que os torturava era o oponente, e o mundo e a raça humana eram o público. O respeito a Deus venceu e coroou seus campeões. Quem não ficou surpreso com os atletas que competiam em nome da lei divina? Quem não ficou surpreso? Ao lermos também o Novo Testamento, encontraríamos imagens atléticas sendo usadas de forma semelhante para transformar a rejeição e as tentativas de envergonhar os cristãos convertidos da cultura dominante, levando-os a retornar ao seu antigo modo de vida, em uma competição atlética onde a vitória consistia não em ceder, mas aguentar até o fim e assim receber uma coroa de flores, ou em traduções mais populares, receber uma coroa no final do dia.

Tudo isto de que temos falado, falando sobre, ou melhor, desarmar a dor da vergonha vinda de fora do grupo, tudo isto é equilibrado com o uso da honra e da vergonha dentro do grupo, nos termos do grupo. Isto é, Ben Sirah, o autor de Sabedoria de Salomão, o autor do Quarto Macabeus, todos fariam com que o seu público judeu continuasse a envolver-se vitalmente uns com os outros de forma a reforçar o valor da observância da Torá como forma de honrar. Que em suas interações diárias, eles aprovam, aplaudem, elogiam e, assim, reforçam o compromisso uns dos outros de viver o modo de vida judaico.

Por outro lado, a vergonha dentro do grupo deve ser usada para dissuadir indivíduos que vacilam no seu compromisso com o modo de vida observador da Torá. Um belo exemplo disso, que apenas mencionarei, é o hino em louvor aos antepassados, uma espécie de coda de seis capítulos no final da Sabedoria de Ben Sirah, em que Ben Sirah passa, com efeito, pelo toda a história do povo judeu, desde Adão até o mais recente sumo sacerdote, Simão II, Simão, o Justo, mostrando como aqueles que viveram a aliança de Deus ganharam honra eterna, enquanto aqueles como os reis ímpios de Israel e Judá que se afastaram da aliança de Deus ganharam para si mesmos vergonha eterna, e realmente conquistada para suas nações, vergonha em virtude de serem conquistados por outras nações. Um último aspecto da honra no ambiente do mundo antigo sobre o qual quero me debruçar tem a ver com a competição pela honra e as competições pela sua recompensa na esfera pública.

O antigo Mediterrâneo, tal como alguns bolsões do Mediterrâneo moderno, tem sido descrito como uma cultura agonística, uma cultura de competição, na qual a honra é considerada um bem limitado. Há um limite para isso, e para eu conseguir mais, você tem que perder um pouco. Eu tenho que vencer às suas custas de alguma forma.

Eu simplesmente quero nos apresentar isso olhando para uma passagem do evangelho de Lucas, talvez uma história muito familiar de Jesus curando em um sábado, de Lucas 13. Agora, Jesus estava ensinando em uma das sinagogas no sábado, e naquele momento, apareceu uma mulher com um espírito que a aleijou durante 18 anos. Ela estava curvada e não conseguia ficar em pé.

Quando Jesus a viu, chamou-a e disse: Mulher, você está livre da sua doença. Quando ele impôs as mãos sobre ela, ela imediatamente se endireitou e começou a louvar a Deus. Mas o líder da sinagoga, indignado porque Jesus havia curado no sábado, dizia à multidão que há seis dias em que se deve trabalhar.

Venha nesses dias e seja curado, não no sábado. Mas o Senhor lhe respondeu e disse-lhe: Hipócritas, no sábado cada um de vocês não desamarra o seu boi ou jumento da manjedoura e o leva para lhe dar água? E não deveria esta mulher, uma filha de Abraão, a quem Satanás amarrou durante 18 longos anos, ser libertada desta escravidão no dia de sábado? Quando ele disse isso, todos os seus oponentes ficaram envergonhados e toda a multidão se alegrou com todas as coisas maravilhosas que ele estava fazendo. Agora, nesta interação, neste episódio, encontramos o que poderíamos descrever como um cenário um tanto típico de desafio e repostagem, uma típica competição por honra, típica exceto pelo fato de uma mulher ter sido curada de uma doença de 18 anos.

Mas ao ver esta necessidade e ao falar com a mulher, dizendo que você está curada da sua doença num dia de sábado, Jesus estava fazendo uma reivindicação implícita de honra. Não está em primeiro plano nesta história, mas encontramos isso em outra história de cura, a cura do paraplégico narrada em Marcos 2. Para que vocês saibam que o Filho do Homem também é Senhor do sábado, ele diz, tome sua cama e ande. Assim, Jesus afirma ter o direito de curar no sábado, e a mulher que é curada imediatamente reconhece isso.

Ela louva a Deus pelo que acontece, o que implicitamente é uma afirmação de que Deus acabou de fazer algo através deste homem, Jesus, aqui mesmo. O que aconteceu aqui no ato? Então, é claro, vem o contra-desafio.

O líder da sinagoga intervém e tenta colocar Jesus indiretamente em seu lugar. Ele não fala com Jesus; você não deveria ser curado no sábado, mas indiretamente, ele diz à multidão, não venha no sábado para ser curado. Este não é o dia para fazer isso.

Existem outros seis dias para fazer isso. Claro, isso é muito mais direcionado a Jesus. O que você acabou de fazer foi errado.

Você não deveria curar no sábado. Você está infringindo a lei. Jesus responde a este desafio.

Ele faz uma repostagem para usar a linguagem da esgrima, onde alguém empurra outro, desvia e repassa, empurra de volta e diz: você violaria o sábado também, só para ajudar um animal. Você cuida do seu gado no sábado. Não é uma necessidade muito mais urgente do que cuidar de um ser humano? Não é o sábado o dia perfeito para desfazer as obras de Satanás, que prendeu esta mulher? Agora, o importante que devo dizer é que o veredicto sobre esta troca não vem de Jesus, e não vem do líder da sinagoga.

Ambos lançaram seus voleios um contra o outro. A decisão vem dos espectadores. São eles que decidem quem ganhou honra e quem perdeu honra nesta troca.

Lucas está muito atento a esse papel, pois escreve em sua frase final que seus oponentes foram envergonhados. Toda a multidão estava alegre com as coisas que Jesus estava fazendo. Assim, nesta troca, foi Jesus quem saiu na frente no jogo da honra, por assim dizer, tendo sido desafiado, mas tendo defendido com sucesso a sua autoridade aos olhos da opinião pública.

Em nossa próxima palestra, examinaremos mais de perto um único texto do Novo Testamento. Nosso objetivo será mostrar como estes tópicos de que falamos nesta palestra, pertinentes à cultura da honra e à dinâmica honra-vergonha do Mediterrâneo do século I, nos ajudam a entrar na situação pastoral e na resposta estratégica a a situação de um texto específico do Novo Testamento, nomeadamente 1 Pedro.

Este é o Dr. David DeSilva em seu ensinamento sobre o mundo cultural do Novo Testamento.

Esta é a sessão 1, Introdução: Honra e Vergonha.